UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE – CAA
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE – NFD CURSO DE LICENCIATURA EM FÍSICA

Meteoros e superstições ao longo da história: medo, mitos e registros antigos

Ana Beatriz de Araújo Santos e Ray Charlie Araujo Dantas

UFPE-CAA

E-mail: ana.abas@ufpe.br / ray.charlie@ufpe.br

RESUMO

O presente artigo, tem como objetivo apresentar e analisar a vivência desenvolvida em algumas civilizações, onde, ao longo da história, permearam folclores sobre meteoros e fenômenos que os envolvem. Com o público em sua maioria leigo, que é levado a acreditar em crenças populares, fazendo surgir vários mitos e superstições relacionados a astronomia, no período do século I até os dias atuais. A proposta surgiu a partir de dúvidas, mitos, medos e até mesmo superstições sobre os meteoros, que foram se construindo desde a antiguidade. Para isso, foi realizada uma investigação, para conscientizar o leitor sobre os mitos acerca do assunto, por meio deste artigo baseado em pesquisas e artigos científicos, buscando revelar a esse público o lado verídico dos mitos. As atividades foram organizadas em Introdução, Fundamentação e Referências. Outrossim, foram analisadas os eventos históricos e eventos espaciais, que acarretaram em interpretações divergentes e pouco verídicas pela população, a exemplo, um mito amplamente divulgado é o da estrela cadente, que surgiu na população grega por volta do século II. Esse mito foi ilustrado pelo astrônomo e matemático grego Ptolomeu, que sugeriu que as estrelas cadentes ocorriam quando os deuses, entediados ou curiosos, abriam o céu para espiar a Terra. Como os deuses estavam "olhando", acreditava-se que era o momento ideal para fazer um pedido, pois eles estariam mais propensos a ouvir. Até os dias atuais ainda é possível encontrar pessoas que fazem pedidos para uma “estrela cadente”. Entretanto, analisando esse

fenômeno, o termo “estrela” cadente seria considerado errôneo, pelo fato de não ser uma estrela, e sim um meteoro. Além de seus aspectos de conceder desejos ser algo sem embasamento científico. Ademais, observou-se que as chuvas de meteoros ocorridas no passado foram interpretadas como castigo divino, a “queda do céu” fundamentada nos pressupostos de Almeida (2025), que discute os mitos criados por civilizações antigas sobre os meteoros, que os referem como mal agouro. Inclusive, por vezes intensificado em acidentes e fenômenos naturais, onde indígenas de uma certa região foram atingidos pelos meteoros, e com isso criaram mitos sobre eles. Segundo Almeida(2025 apud Masse e Masse 2007, p.196) O mito de que meteoros causam a morte imediata de pessoas, assemelhando-se a raios. Ou o mito de que um meteorito tenha caído em um rio e causado a morte de muitos dos povos. Em suma, no presente, as chuvas de meteoros são observadas com mais preocupação do que como superstição, pois com os estudos modernos é possível o acompanhamento desses vestígios astronômicos. A responsável por isso é a NASA (Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço), que rastreia meteoros (e os asteroides que os originam) no espaço, utilizando uma rede de observatórios terrestres, telescópios espaciais e radares, focando na detecção de Objetos Próximos à Terra (NEOs). O monitoramento combina captura de imagens, análise de calor e cálculos orbitais, para prever a trajetória do corpo celeste. Porém, mesmo o avanço científico não pode conter as fake News e o sensacionalismo gerado pelas próprias pessoas e por criadores de conteúdos negacionistas e sensacionalistas que formulam teorias da conspiração, baseadas em mitos, gerando um pânico na população. Conclui-se que a investigação contribuiu para conscientizar o público-alvo e impactar positivamente a sociedade. A proposta surgiu da necessidade de mostrar como as pessoas refletiam sobre esse assunto e de alguma forma explicar o tema proposto sem o uso do sensacionalismo.

Palavras-chave: Mitos; Superstições; Meteoros; sensacionalismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA de, C, Douglas, **A história da meteorítica em Goiás e Tocantins**: São Paulo - Dialética Editora, 2025.